

## BLUMENAU NAS ENCHENTES DE 1983 E 1984 E O IMAGINÁRIO DA “CIDADE DO TRABALHO”

Méri Frotscher<sup>1</sup>

(...) Tempos onde a cidade engorda  
Como um animal desolado  
Dia a dia engorda de água  
De mágoas, limo, destroços  
Quantas perdidas memórias,  
E de medos engorda  
Oh! Casas fundadas, afundadas  
Das enchentes (...)<sup>2</sup>

(Lindolf Bell, poeta blumenauense)

**Resumo:** O artigo trata da problemática de como o corriqueiro discurso acerca da “laboriosidade germânica” se apropria do fenômeno catastrófico das enchentes de 1983 e 1984, para mostrar a “capacidade de reconstrução” e “operosidade” do “povo blumenauense”. Este discurso identifica o blumenauense como herdeiro do pioneirismo dos colonos alemães do século passado, que fundaram a cidade.

**Palavras-chave:** Blumenau - Enchentes - Reconstrução - Germanidade - Laboriosidade - Imaginário - Representação.

**Abstract:** The article focuses the problem of how the current discourse about the “German laboriousness” appropriates the catastrophic phenomenon of the 1983 and 1984’ inundation, to show the “capacity of reconstruction” and “laboriousness” of the inhabitants of the city of Blumenau (“blumenauenses”). This discourse identifies the “blumenauenses” as heir of the German settlers pioneering of the last century, who found the city.

**Key-words:** Blumenau - Inundation - Reconstruction - Germanity - Laboriousness - Imaginary - Representation.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela FURB - Universidade Regional de Blumenau. Ingresso no Mestrado em História da UFSC em 1996, sob a orientação da professora Dra. Maria Bernadete Ramos Flores.

<sup>2</sup> Poema publicado no Jornal de Santa Catarina, Blumenau, 09 e 10.10.83, p. 30.

As enchentes de 1983 fizeram o país voltar suas atenções à cidade de Blumenau. As águas de julho, além de lama, mortes, milhões de prejuízos, deram publicidade a Blumenau. Como a metáfora, presente no poema de Lindolf Bell, em tempos de enchentes, a cidade engorda. Engordam suas águas, mágoas, destroços, e também os espíritos de seus governantes, com palavras e discursos acerca da tragédia. Neste momento se dá espaço a consolos, lembranças, e à veiculação do discurso acerca da “tradicional laboriosidade do blumenauense”.

Foram quinze dias em que o ritmo costumeiro da cidade estancou. Máquinas paradas, lojas fechadas, ruas e casas inundadas, escolas vazias. Foram quinze dias nos quais a cidade voltou suas atenções e preocupações para um único acontecimento: o fenômeno das enchentes. São novamente nas palavras de Lindolf Bell que encontramos um testemunho significativo da realidade vivida naqueles dias:

#### ENCHENTE 1983

(...) Nem dia  
Nem noite  
Nem sábado  
Nem domingo.  
Que tempo  
Que líquida foice!  
Aqui poder, querer  
De homem cessa  
Vira lesma  
Inútil pressa (...)

Conforme a metáfora, o rio, como uma líquida foice, corta e estanca a seiva representada pelo movimento rítmico do cotidiano da cidade. Neste momento a contagem do tempo não faz mais sentido. Para o poeta, “(...) *Não passa a hora no relógio da catedral (...)*”<sup>3</sup>. Blumenau da década de 80 já está há tempo incluída no mundo industrializado, que

---

<sup>3</sup> Poema de Lindolf Bell, publicado no *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 09 e 10/10/83, p. 30.

faz do controle do tempo um dos principais meios para a acumulação de capital. Mundo disciplinado pelo relógio, instrumento sintomático de uma nova era, no qual o tempo se converte em moeda<sup>4</sup>. No entanto, durante a enchente, Blumenau passa pela experiência de desfrutar uma sensação diferente. Sensação somente sentida nas sociedades camponesas, onde a natureza dita os tempos. Onde o relógio não escraviza os homens nem comanda o ritmo de suas vidas. O universo tido como um mecanismo, uma máquina regida por um ritmo rápido e regular deixa de existir por uns instantes. Neste momento, muitos flagelados estavam mergulhados no medo e desolação. José Deeke<sup>5</sup> em 1917 já definia a palavra *enchente* como “Schreckwort”, isto é, palavra de espanto, susto, medo, documentando assim uma *síndrome da cheia* existente na cidade. Ainda hoje muitos blumenauenses sentem pavor da enchente porque ainda a consideram um fenômeno natural, desconsiderando a participação antrópica na ocorrência dos prejuízos. Por isto, nesta conjuntura de pavor, medo, desespero, mais forte e efetivo se sentia o impacto das palavras nos discursos da municipalidade.

Exatamente após a catástrofe, no momento da reconstrução, a municipalidade faz ressurgir com muita intensidade o discurso da “operosidade germânica”, que representa o blumenauense como um indivíduo trabalhador, perseverante e batalhador, porque descendente de colonos alemães. As enchentes assim se tornaram símbolo da “capacidade de trabalho e reconstrução” do blumenauense, referência que é impressa nas páginas dos jornais, relatórios oficiais, editais, e proferida nos púlpitos e meios de comunicação de massa. O rio Itajaí-Açu invade as casas com suas águas e com palavras.

No ano de 1983 a frequência das enchentes (somente de janeiro a agosto havia ocorrido sete inundações), causou prejuízos nunca antes sofridos. Somente no período de 06 de julho a 02 de agosto de 1983,

---

<sup>4</sup> THOMPSON, E. P. Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial. In: *Tradicion, revuelta y consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Crítica, 1984. p. 247.

<sup>5</sup> Citado por BUTZKE, Ivani Cristine. *Ocupação de áreas inundáveis em Blumenau (SC)*. Rio Claro, 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP. p. 200.

ocorreram seis inundações, deixando muitos pontos da cidade alagados por um mês. O índice a que chegou o nível do rio Itajaí-Açu foi o terceiro maior desde a fundação da cidade e o segundo maior em volume de águas. A frequência das inundações em tão pouco espaço de tempo, praticamente um mês, caracterizou a grande enchente de 1983 como atípica. Mesmo não tendo atingido um nível superior ao da enchente de 1911, a permanência das águas em níveis elevados foi muito maior. Também foi a enchente que mais estragos trouxe, em virtude da intensa urbanização. Blumenau havia se transformado por um mês, na “Veneza brasileira”, na “Blumenáutica”<sup>6</sup>.

Houve um colapso das obras públicas e inviabilização do plano do governo municipal, então representado pelo prefeito Dalto dos Reis, do PMDB. Houve aumento do índice de desemprego, diminuição do poder aquisitivo da população, com reflexo na arrecadação do município<sup>7</sup>. Muitos dados referentes a prejuízos não foram computados por não serem passíveis de levantamento. Além do bloqueio no processo de instalação e expansão de empresas, muitas pediram falência ou deixaram a cidade<sup>8</sup>. Quase 1.500 microempresas possuidoras de 1 a 50 empregados estavam prestes a ruir. Setenta por cento do parque industrial se paralisou. Cerca de noventa por cento do comércio citadino teve seus estabelecimentos alagados, em virtude do centro comercial da cidade estar localizado exatamente em área facilmente sujeita a inundações, junto às três principais ruas do centro, paralelas à margem direita do rio.. Interromperam-se também todos os serviços relacionados ao fornecimento de água, energia elétrica, telefonia e serviços de transporte coletivo.

Não só em Blumenau, mas em toda Santa Catarina as consequências das enchentes foram significativas. Dos 199 municípios, 140 foram alagados em julho de 1983. Cerca de 50% dos estabelecimentos comerciais e industriais do estado foram inundados. Em virtude dos prejuízos de cerca de 6.700 fábricas, houve a paralisação de cerca de 225.000

---

<sup>6</sup> STODIECK, Beto. Surgindo das águas: a Blumenáutica. *Jornal de Santa Catarina, Blumenau*, 08, 09 e 10.08.84, p. 07.

<sup>7</sup> Prefeitura já levantou os prejuízos. *Jornal de Santa Catarina*, 16.08.1983.

<sup>8</sup> 1984: manter parque industrial passa a ser o grande desafio da cidade. *ACIB 90 anos de memória*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989.

operários, contingente maior que o mobilizado por qualquer greve nacional na época<sup>9</sup>.

No entanto, não foi somente o poder público, as indústrias e o comércio de Blumenau que sofreram com as enchentes, mas principalmente a população mais humilde, moradora das áreas baixas e das zonas de risco. Numa população de 160.000 habitantes, haviam 90.000 flagelados. Os prejuízos dessas famílias pobres não aparecem na contabilidade oficial. Muitas delas tiveram perdas totais definitivas e irreversíveis na própria qualidade de vida. Sálvio Muller<sup>10</sup> chega a falar em “stress” psico-social causado pelas enchentes. Diante da inviabilização orçamentária do governo municipal, o poder público, através da imprensa<sup>11</sup>, incitou a população a reconstruir a cidade, e para isso se utilizou largamente da dignificação do povo, ao identificá-lo com inúmeros adjetivos positivos. O “stress” psico-social provocado pelas enchentes era tratado com palavras.

As enchentes de 1983 e 1984 representaram um agravante a um fenômeno já em andamento: o declínio da atividade econômica catarinense, que seguia uma tendência nacional. Conforme Idaulo Cunha<sup>12</sup>, a década de 80 foi de quase estagnação da economia brasileira, sendo acompanhada a nível estadual, por um declínio da indústria tradicional de transformação, provocando um crescimento da indústria da economia informal, isto é, a terceirização e a disseminação de subempregos. Reduziram-se também os investimentos produtivos nas indústrias tradicionais, inclusive no complexo têxtil de Blumenau<sup>13</sup>. Isto significou uma inflexão significativa da economia blumenauense, pois a indústria têxtil

---

<sup>9</sup> O país socorre o sul: a enchente do século. *VEJA*, Ed. Abril, no. 776, 20.07.83, p. 22/31.

<sup>10</sup> MULLER, Sálvio A. *Opressão e depredação (A construção da Barragem de Ibirama e a Desagregação da Comunidade Indígena Local)*. Blumenau: Editora da FURB, 1987. p. 31/33.

<sup>11</sup> Não consideramos aqui os artigos da imprensa como mero jogo de palavras, sem sentido. O discurso jornalístico toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro e se comporta também como uma prática social produtora de sentidos. Ver ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 1992. p. 33.

<sup>12</sup> CUNHA, Idaulo José. *O salto da indústria catarinense*. Florianópolis: Paralelo 27, 1992. p. 186.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 192.

era responsável, em 1983, por 60% da arrecadação fiscal do município. Idaulo Cunha fala inclusive em queda da representatividade da micro região colonial de Blumenau na economia estadual. As enchentes vieram a agravar esta situação de crise.

A necessidade de se angariar verbas federais para a reconstrução da cidade leva muitos políticos e empresários blumenauenses a fazer questão de levantar a contribuição econômica de Blumenau ao estado e ao país, com destaque para a “tradicional operosidade” de seu povo, como justificativa para o auxílio federal: “(...) *Precisamos reconstruir Blumenau, que é uma cidade que sempre contribuiu com o produto do trabalho de seus habitantes para o progresso do Brasil*”<sup>14</sup>.

A busca de verbas move a auto-afirmação de uma identidade supostamente atribuída ao blumenauense. Isto aparece claramente nas palavras de políticos locais, ao identificarem o povo blumenauense como “diferente” porque movido pelo trabalho. Uma cidade com uma “identidade própria”, constituída fundamentalmente “*por um certo espírito, uma certa tradição, um certo modo de ser e agir*”<sup>15</sup>, caracterizado pela capacidade de trabalhar e lutar para criar riquezas e serviços:

(...) *Nem sequer a honra de um povo que não vive de esmolas, mas de trabalho, foi respeitada (...) A esmola que prometeram, no município ninguém viu. Mas se o governo age assim, o nosso povo é diferente* \*. *Aqui cada tijolo foi posto, misturando-se a argamassa com o suor do trabalho, aqui ninguém prospera com facilidade, aqui ninguém vive sob o manto do paternalismo, aqui cada filho honra o nome que o pai lhe legou, aqui o patriotismo existe na sua essência, aqui não existe lugar para o sectarismo. Aqui se vive às expensas do suor do povo que trabalha com honestidade e abnegação (...) Blumenau, todos nós sabemos, se impõe nesta nação, e até internacionalmente, pela operosidade de sua gente (...)*<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> A *Notícia*, 21.07.83, p. 7.

<sup>15</sup> KONDER, Victor Marcio. Blumenau, cidade indômita. *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 28 e 29.08.83.

<sup>16</sup> *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 23.08.83 (palavras de Antônio Tillmann, presidente da Câmara de Vereadores de Blumenau e membro do PMDB). Grifo meu.

O discurso da municipalidade também usa da etnicidade para mostrar um povo diferente do resto do país, através do ideário da colonização. Neste sentido aponta Giralda Seyferth: “A *etnicidade teuto-brasileira tem sido reafirmada de diferentes formas ao longo deste século, sempre destacando um modo peculiar, diferente de ser brasileiro*”<sup>17</sup>. Esse modo “diferente de ser brasileiro” afirma uma identidade que é buscada na ideologia étnica teuto-brasileira. E um dos pilares da germanidade<sup>18</sup>, que depois das enchentes de 1983 e 1984 foi altamente divulgado em Blumenau, foi o **valor trabalho**. Giralda Seyferth afirma que “(...) a *superioridade do trabalho alemão sempre fez parte integrante da ideologia étnica teuto-brasileira*”<sup>19</sup>. Esta idealização do “trabalho alemão” servia para marcar uma diferença, considerada fundamental, entre os membros do grupo e os que não pertencem a ele.

No entanto, a partir da década de 80, em virtude da idealização e posituação do elemento teuto no estado de Santa Catarina<sup>20</sup>, a cidade de Blumenau, em sua totalidade, passa a ser identificada como teuto-brasileira. O “trabalho alemão” passa a ser super-explorado também para a marcação de diferenças interestaduais entre Blumenau e outras regiões do país. A “valorização do trabalho alemão” extrapolou os limites da etnia teuto-brasileira, para se tornar um dos critérios fundamentais de identificação da cidade. Não só quem é descendente de alemães, mas Blumenau em sua totalidade é identificada pelo discurso da municipalidade como “Cidade do Trabalho”, cidade germânica, sendo vendida nacionalmente como uma cidade encravada no “Vale Europeu de Santa Catarina”<sup>21</sup>.

---

<sup>17</sup> SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994, 1a. edição, p. 14.

<sup>18</sup> Utilizo aqui o conceito de germanidade também utilizado por Giralda Seyferth “inclui tudo o que pode ser entendido como ‘étnico’ na concepção de Grillo (1974: 159-160): ‘uma classificação ou ordenamento do mundo humano, um conjunto compreensível de categorias definidas por referência a uma idéia de origem comum, ancestralidade e herança cultural’”. Conforme SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p.3.

<sup>19</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 197.

<sup>20</sup> Ver SANTOS, Sílvio Coelho dos. A política da valorização étnica. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06.03.93, p. 09.

<sup>21</sup> Outdoor visto na BR 101, no trecho Brusque-Blumenau, dando boas vindas aos turistas.

Como o **valor trabalho** pôde se sobressair? Na década de 80, o valor dado à língua alemã, perdeu significância como critério de estabelecimento da identidade teuto-brasileira, por causa do seu abandono progressivo no meio urbano. Giralda Seyferth mostra que o abandono do uso cotidiano da língua alemã contribuiu para se aumentar a importância da “maior capacidade de trabalho” do elemento de origem teuta. Diante da intensa miscigenação étnica no vale do Itajaí, também o valor dado à origem alemã foi colocado à margem, fazendo com que o **valor trabalho** fosse super-valorizado. A necessidade da reconstrução de Blumenau após as catástrofes de 1983 e 1984 só fez aumentar a intensidade do discurso de dignificação do trabalho em Blumenau.

No contexto da crise econômica da década de 80, ocorre a busca de verbas para a reconstrução da cidade. Neste processo, os discursos presentes nos jornais utilizam-se do elemento “trabalho alemão” para tecer distinções entre o blumenauense e o nordestino. Também naquela época, paralelamente às enchentes no sul, o nordeste do país sofria a grande seca. Portanto, a disputa pelas verbas federais era grande, provocando entrechoques entre o sul e o nordeste. Neste contexto se resuscita a antiga contraposição entre o elemento teuto-brasileiro e o luso-brasileiro. Se antes, nos debates políticos ocorridos em Santa Catarina, usava-se do elemento “trabalho alemão” para se distinguir o descendente de imigrantes alemães do interior, do “caboclo brasileiro” do litoral<sup>22</sup>, com as enchentes que arrasaram não só Blumenau mas todo o estado, usou-se o mesmo elemento para se distinguir não só o blumenauense, mas também o catarinense, do nordestino. O discurso étnico teuto-brasileiro extrapolou fronteiras e o velho debate litoral-interior, “alemão trabalhador” - “caboclo indolente”, foi esquecido por um momento e o manto da etnicidade teuto-brasileira acobertou todo o estado, dando-lhe uma imagem só: a do estado exemplar. E Blumenau, como precursora e difusora deste discurso, é transformada em espelho do Estado de Santa Catarina: “*uma cidade que, quer queiram ou não, em matéria de turismo tem contribuído eficazmente não só para melhorar a eco-*

---

<sup>22</sup> ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: PUC/SP, 1989 (dissertação de Mestrado).

*nomia catarinense, como para projetar a imagem do estado de Santa Catarina*<sup>23</sup>. Assim, durante a reconstrução, numa conjuntura na qual também repercute na imprensa nacional a catástrofe das secas do Nordeste, o blumenauense é retratado como o oposto ao sertanejo, tido como fatalista, uma pessoa que se entrega “(...) *a forças que não pode dominar (...) Quando não pode mais, emigra*<sup>24</sup>”. Apesar dos obstáculos, lá a seca, aqui as enchentes, o blumenauense, pelo contrário, “*não é conformista. Não aposta apenas na sobrevivência. Luta para progredir*”<sup>25</sup>.

Para construir uma memória que identifique o blumenauense como germânico, ordeiro e trabalhador, o discurso da “laboriosidade blumenauense”, retomado durante a reconstrução, também desenterra a história da colonização alemã de Blumenau. Essa memória construída seleciona do século passado alguns elementos, como o pioneirismo dos colonos, para conferir à cidade uma identidade. Neste sentido “(...) *memória e história conjugam-se também para conferir identidade a quem recorda*”<sup>26</sup>. Dignifica-se o papel dos colonizadores alemães que, segundo este discurso, transformaram selva em sociedade civilizada.

Esta referência ao pioneirismo aparece logo que as águas baixaram, na justificativa para a implantação do Projeto Nova Blumenau, idealizado pela Prefeitura Municipal para reconstruir a cidade, após a catástrofe de julho de 1983. A municipalidade lança mão do discurso de que representa uma “questão de honra em relação ao passado”, reconstruir a cidade. A própria cidade é representada como fruto não só das águas do rio Itajaí-Açu, mas da água contida no suor e nas lágrimas dos imigrantes: “*Nossos antepassados construíram esta terra, desbravaram matas e enfrentaram selvagens para legar-nos Blumenau, que é fruto de muito suor e lágrimas, muita luta e sangue...*”<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. *Diário da Assembléia Legislativa* de 04.10.83. No. 2673, p. 2

<sup>24</sup> KONDER, Victor Márcio. Blumenau, cidade indômita. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 28 e 29.08.83.

<sup>25</sup> KONDER, Victor Marcio. *Ibidem*.

<sup>26</sup> AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: *Revista de História da Unesp*. São Paulo, v. 14, 1995. p. 132.

<sup>27</sup> Folheto NOVA BLUMENAU - Um compromisso de todos. Prefeitura Municipal de Blumenau.

A cada enchente, o discurso da “laboriosidade blumenauense” é retomado, incitando a população à silenciosa tarefa de limpar suas casas. A municipalidade, visando legitimar o Projeto Nova Blumenau, institui o ano de 1983 como um marco na história da cidade, um “ano fatídico”<sup>28</sup>, inaugurador de uma “Nova Blumenau”, de uma nova era para sua história.

A memória construída acerca do pioneirismo dos colonos é uma maneira de se justificar a necessidade de se “tirar a cidade da lama”, tal qual os imigrantes o fizeram por tantas vezes. Esta memória serve de paradigma a ser seguido. Conforme constata Pollak, “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade (...)”<sup>29</sup>. Os elementos atribuídos ao pioneirismo alemão, apropriados por essa memória, são manipulados no sentido de inculcar no povo a obrigação moral de se suplantar todos os obstáculos, tal qual eles suplantaram. Tal discurso lança o desafio aos blumenauenses de 1983, de provar ao resto da sociedade, serem dignos de seus antepassados, lembrados como fortes, trabalhadores e corajosos:

A conjuntura das enchentes em 1983 e 1984 evidencia o fato de que a identidade constantemente tende a ser oxigenada, realimentada, reelaborada. Mudam-se as conjunturas e a identidade cultural, diante das mudanças, tende a reafirmar e realimentar seus elementos ou mesmo a redimensioná-los. Um dos objetivos deste texto foi demonstrar o quanto a germanidade em Blumenau, naquela conjuntura, foi reelaborada, sob iniciativas políticas, através da super-valorização do elemento **trabalho**, como forma de se promover a reconstrução da cidade.

---

<sup>28</sup> Edital de Convocação ao Projeto Nova Blumenau.

<sup>29</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 09.